

A SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA E A LITERATURA DE EXPRESSÃO FRANCESA NO MAGHREB

Vera Lúcia Soares
Universidade Federal Fluminense

1. A situação lingüística no Maghreb

O Maghreb é uma região da África do Norte que se caracteriza num todo por uma cultura árabe-muçulmana. Encontraremos, no entanto, nos três países do Maghreb (Argélia, Tunísia e Marrocos) populações de outras crenças e culturas como os bérberes, os judeus, os cristãos.

Durante cerca de cem anos, num período que vai desde meados do século passado até 1962 - ano em que se deu a independência da Argélia - o Maghreb esteve sob o domínio da colonização francesa que impôs sua língua e sua cultura ao povo desses três países. O francês tornou-se a língua oficial tanto na área administrativa quanto na educacional. Durante esse período, o árabe foi relegado a uma posição de total desprestígio e falado apenas pelo povo inculto e analfabeto.

Quando finalmente esses países conseguiram a independência, o que aconteceu com a língua francesa? Pode-se considerar que o Maghreb seja hoje uma região bilíngüe?

-- 82 --

1.1. Bilingüismo ou diglossia?

Costuma-se dizer que os países do Maghreb são bilíngües. Discordamos dessa posição porque um país é considerado bilíngüe quando coexistem duas línguas que são igualmente prestigiadas e usadas, cada uma delas, por um número significativo da população. No Maghreb a realidade é outra.

O francês, língua do colonizador e, portanto, símbolo da despersonalização cultural, se mantém hoje primordialmente como língua de contato com o mundo. O francês se aprende na escola e serve de porta de entrada à industrialização e à tecnologia. Só é utilizado por certas camadas da sociedade e em situações específicas.

O árabe, símbolo da descolonização no Maghreb e que se tornou língua oficial a partir da independência desses países, apresenta um problema: não há no Maghreb uma única língua árabe falada e escrita. A língua que o maghrebino usa para se comunicar oralmente no dia a dia é o árabe chamado dialetal que não é escrito. Para escrever ele terá que utilizar o árabe clássico que também aprenderá na escola.

No entanto, uma grande parte da população maghrebiana é composta de analfabetos que, evidentemente, só conhecem o árabe dialetal. E, ao lado dessa cultura árabe dominante, subsistem principalmente no Marrocos e na Argélia grandes zonas de origem bérbere. No Marrocos esta população atinge a 45% e vive espalhada pelas montanhas (Médio e Alto Atlas, Rif, etc.). Na Argélia os bérberes chegam a constituir 30% do total da população e se reúnem na região da Grande e Pequena Kabília. Os bérberes vivem em tribos e falam dialetos de origem comum, mas diferentes uns dos outros. Este povo é dono de uma cultura rica em tradições que se mantêm vivas dentro da cultura maghrebina como um todo. Pierre Savignac, se referindo aos bérberes da Kabília, diz: “même si l’arabe est la langue officielle, si la politique socialiste et démocratique et la religion mahométane deviennent le ciment de l’Unité algérienne, les

Kabyles continuent entre eux à croire aux forces cosmiques, á pratiquer dans leur coeur une religion naturelle assez nettement panthéiste (...), et à suivre souvent encore, dans leurs villages perchés, les us et coutumes tels que prescrits dans les anciens Kanouns, tandis que, de leur côté, les femmes aux veillées continuent à raconter les vieux contes berberes (...) ou l'on puise la manne de l'imaginaire que les ancêtres y ont enfouie.” (1)

Como se vê, há no Maghreb uma grande variedade de povos, de culturas e de línguas. O problema lingüístico desta região é complexo. Estamos diante de um fenômeno de pluralidade lingüística.

Deixando de lado, no entanto, os dialetos bérberes e atendo-nos apenas ao uso do francês e do árabe - aqui considerada a língua como um todo e o árabe dialetal como uma deformação do clássico - no Maghreb de hoje, deparamo-nos com uma situação original. A partir da independência, desenvolveu-se nos países maghrebins uma

-- 83 --

política de crescente arabização que começou com a oficialização do árabe como língua nacional. O francês, língua de prestígio na época da colonização, foi sendo gradativamente substituída pelo árabe e, atualmente, o papel que lhe é conferido é o de língua de abertura para o mundo. Houve uma inversão na valorização dessas duas línguas. Na verdade, o francês hoje nada mais é que uma língua estrangeira que o maghrebino aprende na escola e da qual se serve em situações específicas.

Diante do exposto não nos parece que a situação do uso do árabe e do francês no Maghreb atualmente seja um caso de bilingüismo. Achamos que a melhor denominação seria a de diglossia. Lambert-Félix Prudent define a diglossia como um “système socio-linguistique complexe ou deux langues coexistent avec plus ou moins de stabilité” (2) e, analisando os aspectos sob os quais ela se manifesta dentro do contexto americano, diz: “Dans la diglossie teile qu'elle est comprise par la littérature scientifique nord-américaine, l'acrolecte et le basilecte se complètent harmonieusement. Chez les Catalanistes, les Occitanistes et les Créolistes natifs, la diglossie est le lieu d'un conflit entre langue dominée et langue standard” (2). Entende-se como acroleto, dentro de uma situação de plurilingüismo, o sistema mais privilegiado, e como basileto o que está numa posição inferiorizada.

Consideramos que a situação lingüística no Maghreb se enquadra em alguns pontos nesta definição de Prudent. Verificamos que o árabe e o francês coexistem de forma mais ou menos estável nesta região e que embora, por razões políticas locais, o francês esteja ocupando uma posição menos valorizada, no Maghreb de hoje não há, na verdade, conflito no uso das duas línguas e sim uma coexistência “harmoniosa” onde cada qual possui um valor diferente e seu próprio universo: “tradition, authenticité et religion pour l'arabe, modernité, aliénation et liberté individuelle à la fois, laïcité enfin, pour le français” (3). Assim sendo, embora hoje em dia o árabe seja a língua oficial, a língua realmente privilegiada pelos governos dos três países e reconhecida pelos maghrebins como símbolo da revalorização nacional, esta língua por suas características clássicas não está ainda adaptada ao mundo moderno. E é aí que entra em cena o francês, língua útil por excelência, que estabelecerá este contato com o mundo e com tudo o que esteja ligado á idéia de modernidade. Desta forma podemos dizer que há uma complementação e uma tolerância no uso dessas duas línguas no Maghreb, o que seria um caso de diglossia participante.

Evidentemente, a situação lingüística no Maghreb é por demais complexa e demandaria estudos bem mais profundos. Limitamo-nos aqui a uma visão geral e a uma rápida reflexão sobre o assunto.

Para que se possa definir mais claramente a situação atual e futura do francês no Maghreb seria interessante analisar como vem sendo difundida a política de arabização

nos três países em questão.

-- 84 --

1.2. A política de arabização e a situação da língua francesa

À medida que cada país do Maghreb foi se tornando independente do domínio francês, os governos começaram uma política de arabização como um meio de revalorização da identidade deste povo que foi tão espoliado pelo colonizador.

Esta política vem sendo defendida nos três países maghrebinos, mas é mais acirrada na Argélia. Talvez porque o processo de independência neste país tenha sido bem mais doloroso do que nos outros e, conseqüentemente, as relações com a França não sejam das melhores. Realmente, a arabização na Argélia se propaga rapidamente tendo sido o francês substituído pelo árabe até na parte administrativa. Desde 1975, por exemplo, as telefonistas atendem aos chamados falando primeiramente em árabe e, nessa mesma época, houve uma campanha de arabização de todos os painéis e inscrições das cidades (placas rodoviárias, nomes de ruas, de lojas, etc.). Assim, hoje em Argel não se encontra praticamente mais nenhuma inscrição em francês.

Já não se deu exatamente o mesmo em Marrocos e na Tunísia onde, embora exista esta política de arabização, ela é feita de forma menos radical. Nesses dois países, o francês continua presente (ao lado do árabe) em todas as inscrições públicas e ainda é a língua da administração. Na verdade, o problema lingüístico passa também pelo político e as relações dos governos desses países com a França se mantêm mais estreitas.

Este processo de arabização está sendo feito através do ensino onde o árabe começa a substituir progressivamente o francês. Em Marrocos e na Tunísia, por exemplo, o francês só é introduzido na terceira série primária. Na escola secundária as disciplinas ensinadas em francês passam a ocupar mais ou menos 50% do horário. Já no ensino superior, o francês volta a ocupar lugar de destaque totalizando 70% das matérias nos cursos de direito, ciências e letras modernas, embora haja os cursos de letras originais e teologia totalmente arabizados.

Já na Argélia o árabe toma cada vez mais o lugar do francês no ensino em geral. Apesar de também ser introduzido na terceira série primária, o francês só é utilizado nos liceus árabes para as matérias ditas científicas, sendo o resto do ensino feito em árabe. Inclusive, já há desde 1975 uma arabização quase total dos cursos de letras e praticamente a metade dos liceus fazem o “baccalauréat” inteiramente na língua nacional. Além disso, o número de liceus franceses vem diminuindo e no ensino superior aumenta o número de seções arabizadas.

Analisando rapidamente estes dados, podemos prever que, continuando este processo de arabização crescente, dentro de poucos anos o francês passará a ser, principalmente na Argélia, apenas uma língua estrangeira privilegiada em relação às demais. Mas nos perguntamos se a arabização desenfreada será realmente algo positivo. Não esquecemos que o árabe sobre o qual se apóia o novo processo educativo não é a língua verdadeiramente falada pelo povo e que, por suas

-- 85 --

características, não se adapta às necessidades do mundo moderno. Talvez a posição menos radical adotada pelos dois outros países maghrebinos seja mais positiva no sentido de dar maior abertura aos jovens estudantes. Esta, inclusive, é a opinião de muitos autores e literatos maghrebinos de expressão francesa que defendem a manutenção do francês como mais um veículo de comunicação com o mundo. É o que

diz Yacine Kateb, escritor argelino. Para ele todas as línguas da Argélia deveriam ser alfabetizadas e, principalmente, todos deveriam ter acesso ao árabe e ao francês: “... c’est très important parce que nous disposons de beaucoup de véhicules, pourquoi nous priver d’un de ces véhicules, pourquoi absolument n’en utiliser qu’un seul?” (4)

A língua francesa está presa também uma produção literária importante para a compreensão do processo de descolonização desta região, obras essas que ainda fazem parte dos programas escolares no Maghreb e são muito lidas tanto na França como na América. 2 sobre esta literatura de expressão francesa no Maghreb que trataremos a seguir.

2. Introdução à literatura maghrebina de expressão francesa

Como vimos acima, o problema lingüístico no Maghreb é complexo como são complexos o processo de descolonização, a procura de uma real identidade e de um novo caminho político-social. Como entender tudo isto? Concordamos com Albert Memmi quando ele diz que a melhor maneira é lendo os escritores maghrebinos: “Il n’est pas facile, il est encore difficile de vivre en Afrique du Nord: la colonisation, puis ses sequelles, la distance excessive entre les classes, l’abîme entre les générations, la totale aliénation de la femme, la pétrification culturelle... La meilleure maniere de comprendre l’Afrique du Nord, j’en suis convaincu, c’est de lire ses écrivains.” (5)

Encontramos no Maghreb uma literatura de expressão francesa bastante rica ao lado de uma de língua árabe, sendo que esta última vem aos poucos tomando o lugar da primeira: os escritores mais jovens, vivendo num Maghreb arabizado, preferem se expressar em sua língua materna. No entanto, a literatura maghrebina de língua francesa teve, tem e terá seu lugar de destaque por ser o melhor meio de difundir esta cultura no exterior.

Esta literatura floresceu, principalmente, no período que antecedeu à independência dos países maghrebinos e teve como temática primeira a discussão do problema colonial, da aculturação e a denúncia dos abusos de um regime (o colonialista) que já estava com seus dias contados naquela região. Logo, é uma literatura importante pelo seu engajamento político-social e nos ajuda a compreender o que foi a luta entre o colonizador e o colonizado e a busca, por este último, da afirmação de si próprio.

-- 86 --

2.1. Roteiro para uma iniciação à literatura maghrebina de expressão francesa

Numa iniciação à literatura maghrebina de expressão francesa se impõem alguns nomes e obras escritas entre os anos de 1945 e 1962 e que nos dão um perfil bastante fiel dos últimos anos da colonização francesa na África do Norte.

A busca de identidade, a valorização do que é seu, enfim, a tentativa de se afirmar como ser humano livre, estandartes levantados não só pelos governos que se sucederam à independência dos três países do Maghreb, mas também pelos seus escritores e intelectuais, só podem ser entendidos através da análise do que foi a colonização que manteve a região sob seu domínio durante mais de cem anos. Este povo, esmagado pelo colonizador que lhe impunha sua cultura e sua língua, sofreu todo um processo de perda de identidade. É esta relação colonial que é analisada com muita clareza e verdade por Albert Memmi no seu livro *Portrait du colonisé, précédé du portrait du colonisateur*. Sendo ele um colonizado, nascido na Tunísia e de descendência judia, pôde através de suas próprias experiências traçar esses dois retratos e analisar profundamente a relação colonial. O livro foi publicado em 1957 pela editora Buchet-Chastel antes mesmo de se concretizar a independência dos três países do

Maghreb (a Argélia só conquistou sua independência em 1962) e foi acusado de servir como arma contra a colonização. O mais interessante é que o autor, através deste estudo, chega à conclusão de que aquela colonização francesa não poderia mais se manter, isto é, prediz o seu fim. Justamente é o que ele próprio coloca no prefácio que escreveu para a edição de 1973 pela Payot: “L’efficacité de ce texte lui est venue de la vérité. C’est qu’il suffisait probablement de décrire avec précision le fait colonial, la manière dont agissait nécessairement le Colonisateur, la lente et inexorable destruction du Colonisé, pour mettre en évidence l’iniquité absolue de la colonisation et, du coup, em dévoiler l’instabilité fondamentale et en prédire la fin.” (6)

O livro foi concebido em duas partes. O autor começa analisando o colonizador que chega a um país estrangeiro “par les hasards de l’histoire” e descobre de repente ser ele um privilegiado ilegítimo que vem tomar o lugar do nativo e usurpar-lhe os direitos. A partir daí, ele tem duas alternativas: ou se recusa ou se aceita como colonizador. No primeiro caso, sua única solução será a de partir e abandonar esses privilégios, o que se dá raramente pois são muitas as vantagens de que terá que abrir mão. Então, ele decide se assumir como colonizador o que o fará renegar o colonizado e discriminá-lo através do racismo. E, por fim, terminará por adotar aquela atitude paternalista tão característica do dominador.

Na segunda parte do livro temos o retrato do colonizado e o estudo de sua situação como tal: os problemas da cidadania, da criança, dos valores (tradições e religião),

-- 87 --

da escola, da língua, da literatura e, enfim, da amnésia cultural. Diante desta realidade, o colonizado passa por duas fases. Primeiramente, ele vai tentar assimilar a cultura do colonizador para ser outra pessoa e para tanto terá que renegar suas origens. Mas, a assimilação se revela impossível porque “pour s’assimiler, il ne suffit pas de donner congé à son groupe, il faut en pénétrer un autre: or, il rencontre le refus du colonisateur”. (7) Ao compreender isso, o colonizado passa à revolta contra aquele ser que ele tanto admirava e surge a segunda fase, a do ódio ao colonizador e, conseqüentemente, a da busca da afirmação de si mesmo e de sua essência.

Acreditamos, pois, que este livro de Albert Memmi seja primordial para se começar a entender o Maghreb e os anseios de seu povo e o indicamos como primeira leitura a ser feita numa iniciação à literatura maghrebina de expressão francesa porque a relação colonial aí analisada funcionará sempre ou como tema principal ou como pano de fundo nas principais obras maghrebina daquela época.

Compreendido o processo colonizador/colonizado, seria interessante passar a uma leitura que pudesse dar uma visão geral do que foi a literatura maghrebina de expressão francesa nesse período de 1945 a 1962 através do primeiro contato com seus principais escritores. Recomendamos a *Anthologie des Ecrivains Maghrébins d’Expression Française* (8), coletânea de textos organizada por Albert Memmi que se faz acompanhar de notas biográficas dos autores selecionados.

Encontraremos aí os principais temas da literatura daquela época. Analisando o conteúdo temático dos textos apresentados, teremos autores que se prendem mais aos aspectos etnográficos como a descrição dos usos e costumes do povo e sua vida cotidiana. É o caso de escritores como Mohammed Dib, Mouloud Feraoun, Mouloud Mammeri e outros. A temática da aculturação será encontrada nos textos do próprio Albert Memmi e de Yacine Kateb, onde os personagens vivem as diferentes fases pelas quais passa normalmente o colonizado à procura de sua própria identidade. Há ainda a presença constante da guerra, seja a da segunda guerra mundial, seja a da guerra pela independência da Argélia. Teremos também textos que tratam do problema da mulher e

seu papel dentro de uma sociedade que a discrimina sobremaneira, tema principal da obra de Marguérite Taos Amrouche, a grande representante feminina da literatura maghrebina de expressão francesa.

A partir desta visão de conjunto obtida através da antologia, propomos a leitura de alguns escritores cujas obras principais analisam com maestria os temas vistos acima. Para se conhecer bem o povo  rabe da Africa do Norte, mais precisamente da Argélia, seus usos e costumes, a miséria reinante na época da coloniza o, a rela o entre colonos e camponeses, nada melhor que a primeira trilogia de Mohammed Dib intitulada Argélia (9). Nos três livros que compõem a trilogia, Dib nos d  uma imagem de diferentes

-- 88 --

camadas da sociedade argelina na época e denuncia a miséria a que ficou reduzido seu povo depois de tantos anos de coloniza o francesa. Através das experiências vividas por um mesmo personagem, o menino Omar, conheceremos a vida na cidade de Tlemcen onde reina a fome e a miséria no periodo em que começa a segunda guerra mundial (*La Grande Maison*), a rela o entre colonos e camponeses numa pequena aldeia na qual Omar vai passar suas férias (*L'Incendie*) e a explora o de trabalhadores argelinos numa fábrica de tecelegam onde o mesmo Omar vai trabalhar (*Le Métier   tisser*).

Destes três romances *L'Incendie*   considerado o mais forte do ponto de vista social porque nele Dib não se limita simplesmente a descrever um quadro da vida cotidiana numa pequena aldeia ao norte da Argélia, mas a tomada de consciência do espírito de solidariedade pelos camponeses no momento em que juntos lutam para apagar o incêndio de suas choupanas, o que os leva a perceber que "un incendie avait  t  allum , et jamais plus il ne s' teindrait". (10)

O tema da guerra da Argélia será também tratado de maneira especial por Dib numa segunda fase de sua obra. No seu romance *Qui se souvient de la mer* (Paris, Le Seuil, 1962) ele mostra os horrores da guerra, o sofrimento mudo dos homens de forma simbólica e poética: não se trata apenas da narra o de fatos concretos, mas da força deste flagelo sobre os homens, seus sonhos e seus delírios.

Uma leitura que se impõe para a compreensão da problemática da acultura o   o romance *La Statue du Sel* de Albert Memmi, editado em 1953 por Buchet-Chastel. Nesta obra o autor retrata sua própria infância e juventude marcadas pelas contradi es de três culturas. Nada melhor para definir a temática deste livro do que o prefácio escrito por Albert Camus para a edi o de 1966 pela Gallimard: "Voici un écrivain français de Tunisie qui n'est ni français ni tunisien. C'est   peine s'il est juif puisque, dans un sens, il ne voudrait pas l'être. Le curieux sujet du livre (...), c'est justement l'impossibilit  d'être quoi que ce soit de pr cis pour un juif tunisien de culture française." (11)

O romance tem três partes. Na primeira, são as lembranças dos anos felizes e sem preocupa es de sua infância passada num gueto judeu em Tunis. Na segunda parte, época em que frequ nta o liceu, ele começa a se dar conta de que mesmo sendo o primeiro aluno da classe, sua origem o faz diferente dos outros, seu próprio nome marca esta diferença: "Toujours je me retrouverai Alexandre Mordekhai, Alexandre Benilouche, indig ne dans un pays de colonisation, juif dans un univers antis mite, Africain dans un monde ou triomphe l'Europe". (12) E a partir dai, o personagem passa a viver uma fase de busca de identidade, isto  , tenta assimilar a cultura do colonizador, se afastando cada vez mais da sua. Finalmente vem a tomada de consciência da total impossibilidade de assimila o dessa cultura estrangeira, a decep o com o Ocidente e a tentativa de encontrar uma saída para sua vida a partir de uma afirma o de si mesmo.

Este romance foi o ponto de partida de Albert Memmi para a sua pesquisa sobre a sociologia do homem oprimido que levará a publicar em 1957 *Le Portrait du colonisé, précédé du portrait du colonisateur* (13) e em 1962 *Le Portrait d'un juif* (14).

Depois de já se ter acumulado algum conhecimento sobre Maghreb, é possível se fazer uma leitura de Yacine Kateb, um dos escritores maghrebins de expressão francesa mais lidos tanto no Maghreb como no exterior. Além de romancista, Kateb escreveu várias peças de teatro. Sua obra aborda os temas da aculturação, da guerra, mas ele recria os fatos de forma mitológica e poética. Em *Nedjma* (15), romance escrito em 1956, há um vai e vem constante entre o realismo, os símbolos e os mitos através dos quais se faz a unidade da obra. A história da personagem Nedjma (que quer dizer “estrela” em árabe) está ligada à da Argélia e é procurando a essência de Nedjma que o autor chega a uma outra “estrela”, a sua pátria ocupada por estrangeiros. Os principais temas do romance são: as lembranças da infância, a loucura da mãe, a morte, as manifestações de Sétif, a prisão, a personagem de Nedjma e seus símbolos.

A obra de Kateb não é de leitura fácil e exige, como já dissemos, algum conhecimento sobre o povo maghrebino e sua cultura, mas se impõe por ser um tipo de narração inovadora nesse período da literatura maghrebina.

E a presença feminina nesta literatura? Numa cultura onde a mulher é totalmente discriminada é natural que haja poucos representantes femininos entre os escritores. Na verdade, apenas dois nomes sobressaem no período que antecede à independência da Argélia: Assia Djebar e Marguérite Taos Amrouche.

Assia Djebar, além de se preocupar com os problemas da mulher argelina propriamente ditos que estão ligados às tradições, à religião e à família, também tratou a problemática da guerra da Argélia. *Les Enfants du nouveau monde* (16) é um livro interessante porque, ao lado do tema principal que é a guerra da Argélia, Djebar ressalta o papel da mulher nesta guerra: enquanto os homens partem para os campos de batalha, as mulheres se tornam as cabeças do lar e, à sua maneira, contribuem para a conquista da vitória.

Marguérite Taos Amrouche é o maior nome feminino da época. De origem argelina-bérbere (sua família era da Kabília), foi criada em Tunis para onde seus pais emigraram.

No seu livro *La rue des tambourins* (17), ela conta sua vida, seu problema de ser cristã numa sociedade essencialmente muçulmana, as barreiras que se impõem a mulher que queira se libertar das tradições. Através desta leitura, pode-se ter um conhecimento profundo e real (é o relato das próprias experiências vividas pela escritora) das discriminações que sofre a mulher na sociedade maghrebina. E podemos mesmo estabelecer comparações com a situação da mulher na sociedade brasileira.

Marguérite Taos Amrouche se preocupa também em salvar a literatura oral que marca sobremaneira a cultura do Maghreb.

Reportando-nos à primeira parte deste artigo, vimos que há na Argélia e em Marrocos uma percentagem bem grande de população bérbere, em sua maioria analfabetos.

E apesar da arabização da língua e dos costumes no Maghreb, a cultura bérbere continua viva e se impõe através de sua literatura oral rica em contos, poesias e canções. Referindo-se aos contos bérberes, Taos Amrouche diz: “Le conte est cette surprenante richesse de la littérature orale des Berbères qui a conservé, malgré l’influence arabe, sa

forte originalità (...), ces histoires si spécifiques du génie berbère ou le réalisme le plus cru et l'humour contrastent avec le fantastique et le merveilleux" (18). Consciente, pois, da importância desta literatura oral que conhece bem por ser de origem bérber, Taos Amrouche fez a reconstituição e a interpretação dos cantos que costumava ouvir de sua mãe e os reuniu neste livro: *Le Grain Magic* (18).

Vários outros autores maghrebinos de expressão francesa se preocuparam também com esta literatura oral e são muitas as páginas dedicadas a descrever aspectos da cultura bérber e há várias traduções de contos e poesias bérberes. No entanto, devido à especificidade do assunto achamos que a literatura oral bérber não caberia numa fase de iniciação à literatura maghrebina de expressão francesa, constituindo objeto de estudo mais aprofundado.

Limitamos nosso roteiro para uma iniciação à literatura maghrebina de expressão francesa a esta rápida apresentação de alguns nomes e obras que marcaram esta literatura no período de 1945 a 1962, isto é, o que vai do final da segunda guerra mundial até a conquista da independência da Argélia do domínio francês. Evidentemente a produção literária de expressão francesa no Maghreb não se restringe aos escritores acima citados nem ao período ao qual nos ativemos. Outros escritores surgiram depois dessa época e, apesar da política de arabização, a literatura maghrebina de expressão francesa continua viva.

2.2. O valor atual desta literatura no Maghreb e no mundo

Dentro do contexto maghrebino poderíamos nos perguntar que valor teria atualmente esta literatura de expressão francesa, já que o Maghreb vem desenvolvendo um processo crescente de arabização.

Não podemos nos esquecer, no entanto, de que na fase anterior à independência a língua oficial era o francês e as obras literárias da época eram escritas, evidentemente, nesta língua. Então, se um jovem maghrebino de hoje quiser conhecer o que se passava em literatura naquele período, se quiser ter acesso a uma literatura que denunciou os males da colonização francesa, terá obrigatoriamente que procurar a literatura maghrebina de expressão francesa. Inclusive, mesmo na Argélia, onde a política de arabização é mais acirrada, romances como *Nedjma* de Yacine Kateb e *L'Incendie* de Mohammed Dib estão incluídos entre as obras a serem

-- 91 --

estudadas no segundo ciclo do ensino secundário e estes escritores são dos mais lidos na Argélia e em todo o Maghreb.

Preocupado com o futuro da literatura de expressão francesa no Maghreb, Albert Memmi dizia em 1965 na introdução que fez para a *Anthologie des Ecrivains Maghrébins d'Expression Française*: "son sort se trouve lié au destin de la langue française en Afrique du Nord; et pourquoi ne pas le dire, á la conjoncture politique: à l'ensemble des relations franco-maghrébines" (19). Achamos que hoje em dia o problema já não está tão preso às relações entre a França e os países do Maghreb (embora não neguemos sua importância), mas sim à situação da língua francesa no Maghreb. No entanto, esta situação está bem mais definida agora do que em 1965. Concretamente, o francês é a língua escolhida pelos países maghrebinos para ser o veículo de abertura para o mundo e para a tecnologia moderna. Assim sendo, uma produção literária de expressão francesa se imporá hoje e sempre como o melhor meio de difundir a cultura maghrebina no exterior. Além do mais, os regimes políticos dos países maghrebinos e a força da religião controlam a liberdade de expressão e, desta forma, temas leigos ligados à liberação dos costumes e à contestação dificilmente

seriam aceitos e publicados no mundo árabe. Assim, tal como acontece com o uso do francês e do árabe dentro da sociedade maghrebina moderna, onde cada língua possui seu universo próprio (conforme vimos na primeira parte deste artigo), as duas literaturas em questão “se révèlent investies elles aussi d’un ensemble de valeurs à priori inséparables de ces langues” (20) e caberá, sem dúvida, à literatura maghrebina de expressão francesa o papel de veículo da liberdade individual e de pensamento.

Quanto ao valor desta literatura para a Europa e mais especificamente para a França, este é incontestável. Como país colonizador, a França guarda ainda uma certa característica paternalista em relação às suas antigas colônias e, logicamente, incentiva toda produção que seja feita em língua francesa porque esta seria uma maneira de manter o francês como língua de prestígio nesses países e não cortar totalmente o vínculo com eles. No caso do Maghreb, por exemplo, o número de publicações de autores maghrebins na França é enorme, principalmente devido a dificuldade que encontram alguns deles para editarem suas obras em seus países de origem por serem consideradas “subversivas”. Nas universidades francesas, inclusive, muitas dessas obras são estudadas e fazem objeto de várias teses de doutorado. Não esqueçamos também do número cada vez maior de maghrebins vivendo e trabalhando na França e em outros países da Europa para os quais a literatura maghrebina de expressão francesa é de importância capital. Não faltariam pois leitores para essas obras dentro de um contexto europeu.

E para a América? Qual seria o valor dessa literatura maghrebina de expressão francesa?

-- 92 --

Para os países da América que foram colônias ou que ainda são departamentos ou territórios franceses, a problemática do Maghreb está de certo modo ligada à deles: países que sofreram ou sofrem os mesmos males de uma longa colonização francesa, que estão em busca da sua identidade própria e que, no entanto, se servem da língua do colonizador para mostrar ao mundo seu valor como povo.

No caso mais preciso do Brasil, o valor dessa literatura estaria no conhecimento de uma cultura que, embora diferente, tem alguns pontos em comum com a nossa. Somos, como os maghrebins, um país colonizado por europeus, pertencente ao terceiro mundo, com problemas bem parecidos como a miséria do povo e um grande número de analfabetos. Tanto no Maghreb como no Brasil ainda há muita discriminação social, racial e em relação à mulher. Somos também um país que assimilou muito da cultura africana e, ainda que a cultura do Maghreb esteja fundamentada numa política de arabização e na força da religião islâmica, a hereditariedade africana está presente no povo seja no seu modo de ser (lento, apaixonado, supersticioso), seja no seu misticismo, o que nos aproxima bastante.

Estamos convencidos de que o contato com a literatura maghrebina nos possibilitaria estabelecer pontos contrastivos entre essa cultura e a nossa e, analisando as diferenças e as semelhanças, poderíamos chegar a um conhecimento mais profundo de nós mesmos como povo.

Concluindo, achamos que tanto a língua francesa como a literatura de expressão francesa no Maghreb têm hoje o valor primordial de abertura para o mundo, estabelecendo, segundo Pierre Rivas, “un lien entre Occident et Orient, axe Nord et axe Sud, Latinité et Arabité et Africanité; en ce sens un lien Sud/Sud, Amérique Latine/Afrique (21).

NOTAS

(1) SAVIGNAC, P.H. Contes Berbères de Kabylie. Montréal, Les Presses de l'Université du Québec, 1978. pág.50.

(2) PRUDENT, L.-F. Des baragouins à la langue antillaise. Paris, Ed. Caribéennes, 1980.

ACROLECTE: dans une communauté ou plusieurs langues se côtoient, on appelle acrolecte le système le plus "haut placé", le plus prestigieux: le français standard joue ce rôle en Martinique et en Guadeloupe, ainsi qu'en Haïti et en Guyane.

BASILECTE: dans les situations de plurilinguisme, le basilecte est le système inférieur, minoré, stigmatisé; le créole de la campagne martiniquaise est dit basilectal.

(3) REBOULLET, A. et TETU, M. Guide Culturel - Civilisations et Littératures d'Expression Française. Paris, Hachette, 1977. pág.221.

(4) Extraído de uma entrevista reproduzida em Dialogues no. 6, nov./dez. 63 e selecionada por MEMMI, A. Anthologie

-- 93 --

des Ecrivains Maghrébins d'Expression Française. Paris, Présence Africaine, 1965.

(5) MEMMI, A. Anthologie des Ecrivains Maghrébins de Langue Française. Paris, Présence Africaine, 1965. pág.16.

(6) MEMMI, A. Portrait du colonisé, précédé du portrait du colonisateur. Paris, Payot, 1973. Prefácio do autor.

(7) Ibid. pág.152.

(8) Obra já citada.

(9) Os romances que compõem esta trilogia são: Grande Maison, L'Incendie e Le Métier à tisser. Paris, Le Seuil, 1952, 1954, 1957.

(10) DIB, M. L'Incendie. Paris, Le Seuil, 1954. pág.154.

(11) MEMMI, A. La Statue du Sel. Paris, Gallimard, 1966. pág. 9.

(12) Ibid. pág.109.

(13) Obra já citada.

(14) MEMMI, A. Le Portrait d'un Juif. Paris, Gallimard, 1962.

(15) KATEB, Y. Nedjma. Paris, Le Seuil, 1956.

(16) DJEBAR, A. Les enfants du nouveau monde. Julliard, 1962.

(17) AMROUCHE, M. Taos. La rue des tambourins. Paris, Table Ronde, 1960.

(18) _____. Le Grain Magic. Contes, poèmes et berbères de Kabylie. Paris, Maspéro, 1966.

(19) Obra já citada.

(20) RIVAS, P. L'écrivain francophone et la langue française - L'Exemple de la littérature maghrébine, in: Revista "Elos". Porto Alegre, 1987. pág.27.

(21) Ibid. pág.26.

BIBLIOGRAFIA

AMROUCHE, M. Taos. La Rue des Tambourins. Paris, La Table Ronde, 1960.

_____. Le Grain Magic. Contes, poèmes et proverbes berbères de Kabylie. Paris, Maspéro, 1966.

DIB, M. La Grande Maison. Paris, Le Seuil, 1952.

_____. L'Incendie. Paris, Le Seuil, 1954.

_____. Le Métier à tisser. Paris, Le Seuil, 1957.

_____. Qui se souvient de la mer. Paris, Le Seuil, 1962.

DJEBAR, A. Les Enfants du Nouveaux Monde. Julliard, 1962.

KATEB, Y. Nedjma. Paris, Le Seuil, 1956.

MEMMI, A. et alii. Anthologie des Ecrivains Maghrébins d'Expression Française. Paris, Présence Africaine, 1965.

MEMMI, A. La Statue du Sei. Paris, Buchet-Chastel, 1953/Gallimard, 1966.

_____. Portrait du colonisé, précédé du portrait du colonisateur. Paris, Buchet-Chastel, 1957/Payot, 1973.

_____. Le Portrait d'un Juif. Paris, Gallimard, 1966.

-- 94 --

MOATASSIME, A. Cultures maghrébines et Perspectives méditerranéennes, in "Revue Tiers-Monde", T.XIX, no.73(janeiro-março 1978). Reproduzido in "Dialogues et Cultures" no. 21, Québec, março 1981.

PRUDENT, L.-F. Des baragouins à la langue antillaise. Paris, Ed. Caribéennes, 1980.

REBOULLET, A. et TETU, M. Guide Culturel - Civilisation et Littératures d'Expression Française. Paris, Hachette, 1977.

RIVAS, P. L'Ecrivain Francophone et la Langue Française - L'Exemple de La Littérature Maghrébine, in Revista "Elos", número especial (VIII Congresso Nacional de Professores de Francés: "Le Français et les Amériques"), Porto Alegre, 1987.

SAVIGNAC, P.H. Contes Berbères de Kabylie. Montréal, Les Presses de l'Université du Québec, 1978.

TEXIER, R. L'Incendie de Mohammed Dib, in "Le Français dans le Monde" no. 102. Paris, jan./fév. 1974.